

Mundo das Aves

Invasão gringa

A migração é um fenômeno bastante evidente nas aves do Hemisfério Norte, mas ainda pouco conhecido no Brasil. A partir do mês de agosto, aves como Maçaricos e Batuíras, entre outras, deixam seus territórios e áreas de reprodução no Hemisfério Norte, “invadem” o Hemisfério Sul e permanecem por aqui até meados de março, quando retornam aos locais de nidificação. Fique de olho, portanto, nas praias, estuários e rios brasileiros para observar esses viajantes.

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

● Mariquita



R. Hays, Cummins



lanaré Sevi

Fenômeno muito bem conhecido no Hemisfério Norte, quando centenas de espécies “desaparecem” dos seus locais de nidificação e só retornam alguns meses mais tarde, a migração é um movimento entre uma área de reprodução e outra de descanso, também chamada de área de alimentação ou de invernagem. Essa é uma rotina regular e sazonal, ou seja, associada sempre às mesmas estações do ano e ocorre com apenas uma minoria das espécies de aves; as demais permanecem o ano todo no mesmo local, motivo pelo qual são chamadas de residentes.

Movimentações desse tipo não são exclusivas das aves. Insetos e mamíferos também as realizam, entre eles borboletas e baleias. As distâncias podem variar de grupo para grupo, de acordo com a adequação de alimento, o habitat e a temperatura.

Interesse milenar

A migração de aves é um fenômeno tão evidente e importante que já era registrada nas culturas humanas há mais de três mil anos. Faz parte até da mitologia cristã e de estudos dos gregos, como de Hesíodo, Heródoto e Aristóteles. Para muitos desses estudiosos clássicos, apenas as aves de maior porte poderiam voar longas distâncias e migrar; as pequenas, como as Andorinhas, apenas hibernavam durante o inverno. Essa crença perdurou até meados do século XIX, quando o fenômeno da migração começou a ser mais bem compreendido.

As vantagens obtidas com a migração e a evolução desse comportamento nas aves ainda não estão totalmente esclarecidas. Tanto aves de grande porte, como Flamingos, e de pequeno porte, como Beija-Flôres e Pula-Pulas (pequenos passarinhos da família Parulidae, que pesam menos de 10 gramas), são capazes de realizar longos movimentos entre a área de reprodução e a área de invernagem. Das aves, a recordista em distância percorrida é a Andorinha-do-Mar *Sterna paradisaea*, que voa até 40 mil quilômetros por ano, saindo do norte do Hemisfério Norte (Groenlândia, por exemplo), onde se reproduz, para ir invernar na Patagônia e Antártida, em pleno Hemisfério Sul. A migração dessa ave impressiona – um exemplar voou, em apenas três meses, cerca de 22 mil quilômetros, da Inglaterra até a Austrália.

Gringas no Brasil

Em nosso País, as aves migratórias do Hemisfério Norte começam a chegar principalmente entre os meses de agosto e setembro. Algumas espécies, como os Pula-Pulas, “estacionam” na floresta amazônica, onde podem ser vistas nas copas, mescladas com bandos mistos de aves nativas, inclusive com espécies residentes da mesma família. Curiosamente, quan-

● Andorinhas-do-Mar



vnhur/istockphoto



Menhir 107 / Web Shots

● Maçaricos



PurseyMark / Flickr



João Quental

do ouvem a vocalização da sua espécie, não reagem, sinal de que não estão defendendo território. Encontrá-las e reconhecê-las são atividades que oferecem desafio até mesmo para os ornitólogos, os quais têm de se esforçar para identificar esses pequenos passarinhos nas copas das árvores mais altas.

Algumas espécies de aves migratórias, entretanto, são facilmente observadas nos rios, lagos, estuários e praias brasileiras. As Andorinhas-do-Mar, os Maçaricos e as Mariquitas formam um contingente de aproximadamente 30 espécies que chegam a esses ambientes a partir do mês de agosto. Na verdade, já no final de julho, alguns exemplares podem ser encontrados no norte do Brasil, nos Estados do Amapá, Roraima e Pará. Paulatinamente, muitas dessas aves avançam em direção ao sul do continente, com várias espécies chegando até a Patagônia, enquanto outras elegeam, como área de descanso e alimentação, determinadas regiões do sul do Brasil (como a Lagoa do Peixe, por exemplo). A maioria dessas espécies é encontrada em bandos numerosos, sempre à procura de comida. Muitas delas, inclusive, passam a maior parte do tempo nessa atividade, para ganhar novamente a gordura perdida no estafante voo migratório.

Desafios para os observadores

Um dado interessante refere-se à plumagem das aves migratórias. Durante o período reprodutivo no Hemisfério Norte, elas adquirem uma plumagem vistosa para atrair o parceiro, numa demonstração de que possuem os melhores genes e de que estão saudáveis e sem infestação de parasitas. Só que a aquisição e manutenção dessa plumagem requer muita energia.

Por isso, logo após a reprodução, as plumas começam a se tornar mais simples, com tons sóbrios e discretos e requerem menos energia para serem produzidas. É a chamada plumagem de descanso, responsável pela chegada dessas aves ao Hemisfério Sul com aparência radicalmente diferente daquela exibida no Hemisfério Norte. Essa mudança dificulta a identificação e se torna um desafio para os observadores.

Para complicar ainda mais o cenário, várias espécies com plumagens de descanso muito parecidas convivem no mesmo lugar, em quantidades muito discrepantes entre si. Nesses casos, fazer a correta identificação das espécies se torna um desafio enorme, daqueles que, para ser vencido, pode tomar muito tempo.

É interessante observar se, nos tarsos das aves, há pequenas anilhas coloridas. De acordo com uma convenção internacional, cada país

utiliza uma e apenas uma única combinação de cores, o que faz com que possamos identificar com segurança de onde veio a ave observada.

Atitude requerida

A invasão do Brasil pelas gringas começou em agosto. Essas “campeãs de milhagem” chegam aos milhares aos seus locais de descanso e alimentação. Dessa forma, não é difícil concluir que nossos rios, praias, lagos, estuários, manguezais, banhados e outras áreas úmidas são locais essenciais para receber essas visitantes vindas de tão longe. Conservar os habitats é fundamental. Caso abrigos desapareçam enquanto as aves se reproduzem lá no Norte, as alternativas para elas descansarem e se alimentarem se tornarão cada vez mais restritas ou até inexistentes, fato que só poderá ser constatado pelas migrantes depois de longas distâncias terem sido cobertas voando. Por isso, qualquer alteração nesses ambientes deve ser cuidadosamente estudada para continuarmos a receber as aves migratórias em nosso país. 🦋

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.